

## O Saneamento em Florianópolis: Projeto de Modernização e Estratégias de Poder

..... Diana Gerber\*

### R e s u m o

Este artigo enfoca o discurso produzido pela engenharia sanitária e pelo saber médico como interesses da elite proprietária. Pretendo historicizar as obras de saneamento em Florianópolis, no período de 1890-1930, como instrumento racionalizador, dentro de um projeto de modernização urbana.

Palavras-Chave: saneamento, modernização, homogeneização.

### A b s t r a c t

This article dwells on the discourse produced by the sanitary engineering and the medical knowledge as a proprietary elite's interest. I intent to historicize on the sanitation works in Florianópolis between 1890 / 1930, as a rationalist instrument inside a urban modernization project.

Key words: Sanitation, Modernization, Homogenization.

Na virada do século, Florianópolis vivenciou uma série de modificações na face urbana, em nome da política sanitária que reinava nos grandes centros de então, a exemplo do modelo europeu.

O trabalho a que me proponho enfocará esse projeto transformador com referência a uma matriz discursiva<sup>1</sup> extremamente presente na formulação do liberalismo do século XIX. Trata-se da concepção de que a população de posses precisa estar devidamente atendida em suas demandas pelo Estado, uma vez que é a única responsável pela conservação do mesmo. As demandas das elites "classes conservadoras" deveriam impor-se às demais reivindicações sociais.

Florianópolis era vista como uma cidade "enferma", que não provia seus habitantes de saneamento básico, então propícia àquelas reformas idealizadas pelas elites locais, que empunhavam a determinação de acoplar a idéia de higienização da cidade com a de seu embelezamento.

---

\* Diana Gerber é graduada em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Ingressou no mestrado em 1997 sob a orientação do Prof. Dr. Artur César Isaia.

<sup>1</sup> Eni Orlandi encara Matriz Discursiva (ou formação discursiva) como eixos em torno dos quais historicamente se formam os discursos. Para a autora, as formações discursivas são apenas "sítios de significância, pontos de atracagem: "delimitam-se por aproximações e afastamentos, mas em cada gesto de significação (de interpretação) elas se estabelecem e determinam as relações de sentido, mesmo que momentaneamente." ORLANDI, Eni Puccineli. Org. *Gestos de Leitura*, Campinas: Ed. da Unicamp, 1994, pp. 11.

É claro que Florianópolis não estava na mesma posição dos grandes centros urbanos, pois não possuía nenhuma daquelas características, como a industrialização crescente, grandes fluxos populacionais ou um contingente operário de vulto. Mesmo assim, era preciso modernizar-se, seguir o “progresso” para não ficar atrás.

Assim sendo, o sonho modernizante era imposto pelas elites locais, gerando uma representação, como estratégia de poder que objetivava a apagar diferenças e a moldar um centro urbano à sua imagem. Segundo Chartier, as representações do social são determinadas pelos interesses daqueles que as forjam. Por isso é importante compreender e relacionar as discussões proferidas com a posição dos interlocutores.<sup>2</sup> Nessa lógica, percebe-se que o saneamento urbano, através das normas de higiene, acaba evidenciando a arquitetura da cidade como símbolo que separa os homens de acordo com sua classe sócio-econômica, justificando, assim, o poder de um segmento sobre o outro. Conforme Bresciani, ao analisar o Rio de Janeiro e suas transformações na virada do século, “a particular disposição de ruas protegia o centro, impedindo o fácil acesso da população suburbana, e a antiga defesa militar transmuta-se em marco da divisão social”<sup>3</sup>.

Até o final do século XIX, no Brasil, de modo geral, a inexistência de saneamento urbano se dava em todos os aspectos, quer no abastecimento de água, no esgoto das águas servidas ou no depósito de lixo em local apropriado. A precariedade no asseio doméstico, urbano e corporal, somado à crença de que a doença estava no ar<sup>4</sup>, fizeram com que a população local ficasse à mercê de todo tipo de epidemia que assolou o país. Doenças incuráveis, para a época, como varíola, febre amarela, sífilis, tuberculose, meningite, cólera, etc... A meningite, que foi chamada inicialmente de “febre cerebral”, teve seu aparecimento acelerado pela precariedade sanitária da cidade, bem como o cólera, a pior das doenças da época, mantinha, em sua letalidade e velocidade de contágio, uma relação bastante íntima com a falta de saneamento urbano.<sup>5</sup>

De acordo com informações registradas na obra da arquiteta e historiadora Eliane Veiga, sabe-se que alguns dos principais córregos da cidade de Florianópolis foram saneados no final do século XIX. Córregos, esses, com curso primitivo tortuoso e leito irregular, favorecendo o acúmulo de detritos.<sup>6</sup>

Tencionando dotar a cidade de “um sistema de saneamento eficiente”, a administração pública municipal resolveu canalizar as águas destes córregos por meio de um “sistema novo”, um “meio seguro de remoção de lixos e materiais estercoreais”. Este melhoramento urgente teria caráter provisório, até que fosse possível aplicar uma solução mais avançada baseada no sistema de esgoto adotado no Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural- Entre Práticas e Representações*, RJ DIFEL, 1990, pp. 17

<sup>3</sup> BRESCIANI, M. Stella M. *Metrópoles: As Faces do Monstro Urbano*, pp. 45.

<sup>4</sup> A teoria pasteurana dos germes indicava que a doença não provinha fundamentalmente dos pontos concentrados de sujeira, mas poderia emanar de qualquer parte, tornando todo indivíduo suspeito como portador em potencial do micróbio.

<sup>5</sup> RAMOS, Átila. *O Saneamento em Dois Tempos*. pp. 20

<sup>6</sup> VEIGA, Eliane V. *Memória Urbana*, pp. 290

Muito embora a canalização tenha significado um grande passo para o saneamento da cidade, a falta de colaboração dos moradores, que não se adaptavam facilmente ao novo sistema, fez com que certas atitudes fossem mantidas, como o costume de lançar lixo em valetas de fundo de quintal.

Foi, porém, na administração do governador Gustavo Richard (1906-1910) – carioca, filho de franceses - que o saneamento de Florianópolis teve sua mais grandiosa obra, até então registrada: o complexo de serviço de abastecimento público de água, acompanhado com grande interesse pela população.<sup>7</sup>

Ao assumir o Governo, Gustavo Richard buscou solucionar problemas de fundamental importância como a instalação de energia elétrica, que se deu através da construção de uma usina (do Garcia), e a implantação do tão almejado sistema de abastecimento de água. Para resolver este último, contratou a firma Simmonds & Saldanha, que utilizou tubos de ferro importados da Inglaterra. Assim surgiu o primeiro reservatório de distribuição de água de Florianópolis, inaugurado em maio de 1910.<sup>8</sup>

Com a rede implantada, tornou-se possível receber a água, mas somente nas casas situadas no perímetro urbano da capital, bem como a instalação de diversas “bicas” públicas no centro da cidade.

Foi elaborado um regulamento para o abastecimento de água, que foi expedido pelo governador Gustavo Richard em 26.10.1909, através do qual tornou obrigatório o pagamento pelo uso da água, de acordo com o valor locativo dos prédios.

*“(…)Art.4: As taxas pelo fornecimento de água são consideradas um ônus efetivo de todo o prédio cobradas do respectivo proprietário (...) nas seguintes proporções:*

*§ 1º Nos prédios de valor locativo de mais de 240\$000 anuais, 4\$000 mensais.*

*§ 2º Nos de valor locativo de mais de 480\$000 anuais, 6\$000 mensais.*

*§ 4º Nos de valor locativo superior a 960\$000 anuais, 8\$000 mensais*

Já no final do seu mandato, em 1910, Gustavo Richard deu concessão para “o estabelecimento, de uma rede de esgoto de materiais fecais e águas servidas”, a uma companhia inglesa, The State of Santa Catarina (Brasil) Development Corporation Ltda. Fato, esse, muito elogiado na imprensa.<sup>9</sup>

<sup>7</sup> Jornal “Diário Catarinense” - Água para Todos – Florianópolis, 24/01/1993, p. 37

<sup>8</sup> Ibidem. p.27

<sup>9</sup> Regulamento para o abastecimento de água – 26/10/1909 Florianópolis.

*"Com melhoramentos dessa ordem, muito em breve a nossa capital, que já possui tantos encantos naturais... se rivalizará com as mais importantes capitais dos demais Estados do nosso país."<sup>10</sup>*

Na mesma ocasião foi criada a Inspetoria de Águas e Esgoto, que, entre suas atribuições, estava a de emitir faturas de água e esgoto que seriam cobradas pela subdiretoria de rendas do Tesouro do Estado. Teve início, ainda em 1910, a construção de um forno de lixo na capital, para acabar com o problema de acúmulo de lixo nas praias. A construção deu-se próxima ao Forte Santana, tendo sido concluída em 1914.<sup>11</sup>

Em 1911, já no mandato do então governador Vidal Ramos, foi contratado o engenheiro Luis José Costa para projetar, orçar e coordenar a construção do sistema de esgoto da capital. As obras de execução do projeto foram paralisadas em fevereiro de 1913 em decorrência da primeira grande guerra, pois a maioria dos materiais provinha da Inglaterra. Portanto, a obra seria inaugurada no governo do coronel Felipe Schmidt, em setembro de 1916.<sup>12</sup> Conforme informações do sanitarista Ferreira, o sistema de esgoto da capital era do tipo separador absoluto, porque:

*"Neste tipo de sistema, existe uma exclusão completa das águas pluviais e das que não provem única e exclusivamente do sistema de abastecimento de águas da cidade. Esse projeto foi considerado, para as necessidades da época, muito bem dimensionado e igualmente executado. O referido sistema era composto também de uma estação de tratamento biológico, processo este desenvolvido na Alemanha em 1906."<sup>13</sup>*

Os tanques "Imhoff" são considerados como um melhoramento baseado no funcionamento das "fossas sépticas", nas quais a eficiência do processo é afetada pela condição da decantação e digestão em uma mesma câmara. Este desenvolvimento deve-se ao famoso técnico alemão Karl Imhoff, do qual recebeu o nome, e por ele denominado como tanque "Emscher", devido à região do rio Emscher (Alemanha) onde foi aplicada pela primeira vez esta unidade.<sup>14</sup>

Florianópolis obteve, portanto, um sistema moderníssimo, colocando-se à frente de muitas capitais. As manifestações que objetivavam a remodelação da cidade, bem como de seus habitantes, nesse período, envolveram vários aspectos, como demolições de habitações insalubres, construções de edifícios públicos, ajardinamento de praças, a instalação das primeiras redes de água encanada, energia elétrica e esgotos. Estas medidas eram consideradas imprescindíveis para a produção de melhores condições de vida para a capital. Em 1919 tiveram início as obras da primeira avenida da cidade, a Avenida

<sup>10</sup> Jornal "O Dia", Florianópolis, 09/01/1910, p. 2

<sup>11</sup> RAMOS, Átila, **Memória do Saneamento Desterrense**. pp. 13

<sup>12</sup> Jornal "O Dia", Florianópolis, 26/11/1910, p.1.

<sup>13</sup> FERREIRA, Ronaldo Luiz, Entrevista concedida em Florianópolis, 15/10/1995.

<sup>14</sup> IMHOFF, Karl e Klaus R. Manual de Tratamento de Águas Residuárias, Prefácio.

Hercílio Luz, denominada inicialmente de "Avenida do Saneamento." Inaugurada em 1922, esta avenida produzia em seu percurso uma nítida divisão entre a zona central e a periferia (encostas dos morros). Ela veio a ser o símbolo da modernização da cidade, nos discursos e na imprensa da época, surgindo como "a pedra angular do saneamento da nossa terra", que estava "transformando completamente a feição de nossa capital modernizando-a".<sup>15</sup>

Todas estas obras de remodelação eram acompanhadas de muitos elogios através da imprensa. Eram grandes conquistas no campo de uma modernização tão desejada pelas elites locais, que pretendiam dar à cidade uma nova fisionomia, que se associasse à idéia de progresso e embelezamento reinante na época.

Essas idéias sobre projeto urbano embasavam-se no processo de "homogeneização", ou seja, o centro da cidade deveria expor apenas uma única classe e, na periferia oculta, deveria ficar o que mais enfejava a cidade, isto é, a pobreza. Assim, em nome do saneamento, Florianópolis assistiu a retirada, em massa, da população pobre que habitava estas áreas.

Era preciso formar novas imagens indispensáveis à modernização urbanística e arquitetônica que incluíssem as práticas costumeiras da população, conforme denota a mensagem:

*"Sem a adoção de medidas que tornem obrigatório o serviço de remoção das matérias fecais e do lixo proibindo em absoluto o despejo em quintais (principalmente no centro da cidade) ou em qualquer parte do perímetro urbano, será impossível, ou pelo menos muito difícil, tornar em realidade o saneamento da nossa capital."*<sup>16</sup>

Nessa mesma mensagem, o Coronel Antônio Pereira da Silva Oliveira deixa claro o desejo de homogeneização mencionado anteriormente:

*"A desagradável impressão que causam as velhas e feias casas da rua..., que se tornaram já em focos de infecção, impõe a necessidade urgente de sua desapropriação, mas não só para embelezamento, como medida higiênica da cidade."*<sup>17</sup>

Neste sentido, é perceptível como o discurso higienista foi propagado a todas as esferas da sociedade, ditando normas de conduta à população, invadindo o espaço individual. E segue seu projeto de moralização, regulando as condutas de higiene e comportamento social, desencadeando um novo mecanismo de controle e dominação da população. Estas representações do social são relacionadas, segundo Chartier, aos

<sup>15</sup> Jornal "República" Avenida Hercílio Luz, Florianópolis, 10/09/1922, p. 2

<sup>16</sup> Jornal "Gazeta Oficial". Mensagem ao Conselho Municipal em 01/-4/1905 pelo Cel. Antônio Pereira da S. Oliveira, Florianópolis, 15/04/1905.

<sup>17</sup> Ibidem.

interesses do grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. E essas representações, na medida em que são peculiares a diferentes segmentos da sociedade, desencadeiam lutas de representação, nas quais a percepção do social produz estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade a custo de outras, por ela menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.<sup>18</sup>

Assim, os habitantes que compunham os segmentos mais pobres da população tornavam-se alvo de um vasto investimento de controle e desqualificação que produziu, de acordo com Araújo, uma imagem de indolência, atraso, incapacidade, doença, características que, na opinião dos reformistas da época, seriam inerentes aos homens e mulheres de Florianópolis.<sup>19</sup>

Nesse quadro que se formou, o poder médico fez parte do processo de urbanização, que obedecia a dois princípios de grande importância: a expulsão do centro da cidade e a organização do espaço interno. Dessa forma, o médico era uma espécie de consultor dos poderes, e o saber médico legitimava o saber do poder institucionalizado. O saber médico assentava-se no método anátomo-patológico do século XIX, capaz de impor padrões de saúde para toda a sociedade, legitimando expurgos e exclusões.<sup>20</sup>

Dessa estreita relação entre o saber médico e o poder, resultou o caráter eminentemente urbano da medicina formuladora de uma teoria da cidade que pressupunha vigilância constante. A saúde pública era essencial para o bom funcionamento do Estado, e tanto a medicina quanto a engenharia sanitária deveriam defender o homem da desordem que ele mesmo provocava, levando os médicos a se envolverem na teoria e no planejamento urbano, procurando, através da intervenção, obter uma cidade submetida à norma do conhecimento nas malhas do poder, o que significava impor ao pobre o modelo a seguir.<sup>21</sup> Esse poder identifica a elite como não produtora da sujeira e dos maus odores, e culpa somente "o outro" como marca da alteridade.

---

<sup>18</sup> CHARTIER, Roger. Op. Cit. p.17.

<sup>19</sup> ARAÚJO, Hermetes Reis, **A Invenção do Litoral**, São Paulo: PUC, 1989. Dissertação de Mestrado. p.79-80.

<sup>20</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*, pp.193-172.

<sup>21</sup> *Ibidem*.